

Os olhos cheios de terra

13 de setembro a 03 de novembro de 2018

segunda a sexta de 10h as 20h | sábado 12h as 18h

Rua Jose Roberto Macedo Soares 30 | Gávea | Rio de Janeiro

Esta exposição não parte de um discurso muito definido, mas de sentimentos, sobretudo o de perda, inevitavelmente. Feitura de obras, antes de tudo, com alta voltagem intuitiva, em processo mental e gestos corporais dentro do espaço da galeria agora transformado, aquecido. Diferentemente de outras realizações anteriores, em que dediquei um bom tempo para cada execução, este conjunto foi todo produzido em um mês, no entanto, sob o calor das emoções e reflexões dos últimos quatro anos.

Entre os sucessivos golpes sentidos na vida pessoal e outros tantos nas instâncias políticas e sociais, sinto-me um tanto ou quanto pálido, evanescente. (Vocês não?) Esse esquarteramento dos sentimentos é pessoal e é coletivo. Em um panorama de poucas clarezas e nenhuma certeza, muitos gritam, poucos escutam. Direita é direita, esquerda é esquerda, o preto é preto e o branco é branco. Ou talvez não nos pareça bem assim diante dos fatos que nos embaralham em palavras escritas ora com grifo em auto-contraste, ora apagadas em seus contornos, turvando o “quem é quem”. Ideologias se perdem por cansaço e caducam, enquanto novos-velhos tons vão à superfície. No campo de radicais opostos, a intolerância é combustível. Queimamos a diversidade das cores das peles e assumimos disfarces mais opacos, logo camuflamo-nos ao pano de fundo da cegueira. (Os cegos “enxergam” tudo preto ou tudo branco?). Aniquilamos as variações cromáticas e voltamos a insistir numa paleta arcaica de cal, como as paredes das fortalezas do passado - cada qual em sua casamata. Engessamos os sentidos e as inteligências, voltamos a carregar ou a sermos pedra. Pés plantados na terra que seca, mãos que estapeiam, rasgam, marcam.

Observemos nossas origens mais bárbaras, pois assim assumimos logo nossos arquétipos animais. (Não?) Em tempos de lutas por espaço, o desejo de aniquilar para sobreviver acaba por recair até nos mais bondosos mortais, pela defesa de um lugar de fala reivindicado no gogó ou a pulso. Todos nós bombeamos sangue quente, assim como os cães mais bravos; mas só nós usamos o indicador para apontar ou para enlaçar coleiras. Não somos mais modernos, reconhecemos agora os porões dos navios negreiros, ou o interior das carvoárias, como quem não se importa em carbonizar sua história.

Com tanto barulho ficamos surdos. (Na surdez encontramos o silêncio?) Com tudo o que ofusca ficamos cegos (Onde está a nitidez?). Com tantos gritos a fala perde a razão. (Calar-se produz outros sentidos?) Talvez nos reste meditar com as pedras, observar a beleza de uma gipsita bruta antes que a transformem em gesso.

Rodrigo Braga
setembro de 2018